

Anno 1º

Assign. por mez 1.000 rs

Numero 35



Redacção de Cruze Souza | Propriedade de uma Associação



Em falta de melhor assumpto, vai esta charada para entretenimento dos leitores.

O MOLÈQUE

Desterro, 16 de Agosto de 1885.

Uma historia...

E'ra um dia uma rapôsa...

Manhõsa como só ella.

Todas as tardes passava por uma parreira, linda parreira de abundantissimas e deliciosas uvas...

Catrapiscava para ellas o seu olhar cheio da piedade que a fõme emprêsta...

Olhava, olhava muito para cima e dizia sempre, levantando a cáuda n'uma espiral fidalga: Estão verdes.

Ora essa parreira tinha o seu dono, pouco caprichoso, dado ás nonchalances dos passeios á cavallo, gostando de saborear a curvidão placida do Azul e a alegria pittorêsa das paisagens que aquarelham a tranquillidade saudavel dos campos.

Feliz *touriste*.

Na sua cabeça direita como um fuso, nunca lhe passavam sombras; andava sempre aproado para as cousas que fazem rir e cantar bem.

Admiravel creatura.

Nunca lera historia porque não gostava, não podia admittir a Roma, Nero, Sardanapalo, Heliogabalo e, sobretudo, repugnava-lhe o nome de Helena, porque um dos seus mais intimos lhe havia contado, certa passagem d'ella e de um tal Meneláo e elle, o nosso dono da parreira, era muito casto, ih! muito casto mesmo...

E a raposa continuava a cercar as uvas, sempre sequiosa de mordêl-as; um dia chegou até á fazer estremecer a parreira...

Explendida raposa.

Mas o caso parecêra-lhe difficil, demandava geito, segurança do terrêno alheio para onde a raposa saltava, galgando um murosito amarêllo...

Comtudo, tentava, tentava ainda, com a incistencia de uma dôr de callos, firme no seu pôsto de bicho larapio que era, deitando a lingua defõra, n'um prefacio de goso extranho.

E as galinhas que por alli cacarejavam, n'um pròdigo ruflar de plumagens lèves, escorraçadas pela presença da terrivel raposa, disparavam.

E a raposa se encorajava, cada vez mais, mais decidida partia ao seu fim, alegremente, alegremente!...

A parreira e as uvas, no entretanto, dir-

se-hia, á acreditar em algum espirito invisivel que as incitasse, que procuravam satisfazer os desejos da sequiosa raposa, porque quando esta se aproximava d'ellas, o vento fazia curvar, á altura da mão, alhum galhinho tenro, coberto de fõlhas vêrdes.

A parreira, queria, pois...

Um dia, a raposa, douda por comer uvas, completamente fõra de si, pula o muro, alcança o terrêno e chegando á parreira, dá uma assaltada robusta e forte e um dos galhos mais nòvos, cède, carregado de bonitas uvas maduras.

Ahi a raposa satisfaz o seu appetite, impunemente, pois o dono da parreira sahia á cavallo, a vêr uma tourada, porque, dizia elle: Não ha nada como a gente apreciar um touro bravo, farpeado pelos bellos bandarilhas.

Caramba, encho-me de gosto...

Zé.K.

Quando estás de laçarotes e de plissés e fichús, de rendas e de decótes quando estás de laçarotes, toilette de chiamalótes, quanto esplendor, quanta luz, quando estás de laçarotes e de plissés e fichús.

Zat.

OS NOIVOS DE FLORENTINA

Entrou na roda o Chico Lopes, homem de costas largas e focinho respeitavel.

—Eu casava-me com ella, meus senhores!

—Não diga isso, só Chico!

—E garanto aos senhores que a havia de ensinar a andar direita como um fuso!

—Sempre é bom dizer isso quando não se faz!

—Porque?

—Se fosse viuva, ainda, ainda. Mas o outro está vivo?

—Ella ha de ser viuva quando o outro morrer, não é!

—Parece.

—Pois apostemos. Cincoenta mil reis contra vinte, em como se a pequena enviuar, e a dègas entra na familia!

Gargalhada geral.

—Topo! gritou um dos da roda entusiasticamente. Cincoenta contra vinte!

A aposta chegou aos ouvidos de Florentina.

A virago riu-se com estrondo e immediatamente fazendo-se rubra e voltando-se para o portador da nova:

—Sabe qual era a minha vontade?

O pobre diabo olhou-a embasbacado.

—Trincar você e toda esta canalha crua! O alviçareiro, fulo de terror, deitou a correr como um veado.

Por artes do diabo morre o primeiro marido de Florentina.

—Chegou a vez, só Chico Lopes: exclamaram as outras.

O Chico Lopes, honra lhe seja feita! foi á casa de Florentina, vacillante como um canico festejado pela chuva.

Ella recebeu-o perfeitamente, e quando elle pronunciou as primeiras palayras de casamento dirigindo-se ao pae, Florentina adiantou-se sorrindo.

—Com o maior prazer! disse ella.

Na noite do casamento, cada casa do lugarejo era um vulcão de curiosidade.

—O que acontecerá! murmuraram os velhos, as velhas, os moços e as crianças.

O proprio subdelegado, pessoa analphabeta e rotunda, não conseguiu pregar olho quando se deitou.

Ergueu-se da cama, vestiu-se com a melhor roupa e passou a tiracollo a fita de sua cathegoria.

Atravez das frestas de todas as portas havia luz; prova de que ninguem dormia.

Pela noite adiante ouviram-se guinchos atroadores e uma voz possante e imperiosa reclamava a presença da authoridade.

O rotundo funcionario abriu a porta. Foi o signal!

De todas as janellas sahiram cabeças curiosas e immensas mãos sustentando vélas e candêas.

Um grito de espanto partiu de cada boca á vista de um quadro porque ninguem esperava.

Florentina arrogante, medonha, heroica, formidavel, trazia ás costas o noivo amarrado de pés e mãos como um leitão que vai para a festa.

Assim que passou a primeira surpresa geral, a noiva lançou ao chão o Chico Lopes como se tratasse de uma penna de ganso; exclamando com voz de trovoadas:

—Agora, quando este morrer, venha alguém pedir-me em casamento, e verão cousa melhor!

As candêas vacillaram em todas as mãos; as velhas resavam a Santa Barbara, advogada dos trovões, Chico Lopes grunhia rolando pelo chão, e o subdelegado benzia-se, protegido pela fita de sua authoridade.

FIM

Poemas

XII

LUAR

Pelas espheras, nuvens peregrinas, brandas de tóques, encaracoladas, passam de longe, timidas, nevadas, crusando o azul sereno das collinas.

Sômbrias da tarde, sombras vespertinas como escômilhas lèves, delicadas, caem da serra oblõnga nas quebradas, vão penumbrando as cousas crystallinas.

Rasga o silencio a nota chã, plangente da Ave-Maria—e então, nervosamente, n'uns ineffaveis, expontaneos jórros

esbate o luar, de fõrma admiravel, claro, bondoso, electrico, saudavel, na curvilinea compridão dos môrros.

Cruz e Souza.

AVISO

Outro qualquer collega chapista reperia, á vista da corajosa pertinacia de alguns dos nossos assignantes com o não pagamento de suas assignaturas atrazadas, os appellos que, por diversas vezes, temos vibrado, do alto d'estas columnas, a S. S. S. S.

Porem nós, filiados a uma escola mais realista, que adora o positivismo, limitamo-nos a declinar hoje as suas iniciaes, garantindo retribuir-lhes tal pertinacia com a mesma *sans facons* que nos tem sido dispensada, publicando-lhes extensamente os seus amaveis nomes no proximo numero, caso não formos até lá embolçados integralmente do que tão legitimamente nos pertence.

E' este o procedimento que tivemos com o Dr. Paranaguá, e que continuaremos a sustentar a despeito mesmo de qualquer indifferentismo baixo e réles, da parte de quem adopta a caloteação á honradez.

Não mendigamos assignaturas a tão *distinctos* cavalheiros; portanto é justo, justissimo mesmo, que nos paguem o que individamente nos querem extorquir, com o cavalheirismo que opportuna e pontualmente temos saptisfeito a S.S.S.S. enviando-lhes as remessas, como nos sollicitaram, do nosso jornal.

Ao Moleque pois, o que é do Moleque. Eis as iniciaes que carecterisam taes cavalheiros.

J. V., F. M., T. M., L. N. P., A. C. P., M. B., O. O. C.

Emilio Zola

(NOTAS DE UM AMIGO)

Traducção de A. C.

II

Infancia em Aix

(Continuação)

Desembaracemo-nos pois de tudo, agora, que depois nos divertiremos » É apenas entrado na aula, elle installava-se na sua estante, não perdia um minuto, enacetava corajosamente seus trabalhos, simplificando-os, o mais possível; e não se retirava senão no fim da tarefa. Portanto sentia-se livre, e gosava largamente sua liberdade.

Nada de excesso de zelo nas palavras, nada senão o necessario, e o indispensavel. Ainda hoje, o author dos *Rougon Macquart* é trabalhador consciencioso, porem moderado.

Para levantar o monumento da sua alta ambição litteraria, todos os dias do anno, todas as manhãs ao levantar-se, depois de ter comido um ovo, no prato, sem

beber nada, elle installa-se no seo largo *fauteuil* Luiz XIII, diante do seo escriptorio, onde tudo: tinteiro, malaborrão, livros, papel, está methodicamente collocado no seu lugar; depois com o raspador, faz o limpamento á sua penna, desembaraçando-a da tinta secca da vespera.

Então depois de um rapido olhar lançado ás suas notas todas juntas, mette-se ao trabalho, continuando a pagina, onde parára na noite passada, muitas vezes mesmo no meio de uma phrase, sem reler nunca o que precedeo, para enlevar-se, como acontece fazerem os escriptores irregulares; não pára, não se entrega ao viver ordinario, senão quando acaba a sua tarefa diaria: quatro paginas, o mais muitas vezes, paginas de papel escolar ordinario cortado em dous, paginas de uma trintena de linhas, sem margem, de uma escriptura compacta, firme e regular, sympathica á força de logica e de nitidez. Quasi nada de emendas. Sente-se que essa prosa correo alli syllaba por syllaba, continuamente.

Não é mais do que quatro paginas, mas isso todos os dias, todos os dias: a força da gotta d'agoa cahindo no mesmo lugar e acabando por penetrar a pedra mais dura! E' pouco, porem, insensivelmente, os capitulos succedem-se aos capitulos, os volumes amontoam-se sobre volumes, e a obra de toda uma vida em renovo, multiplica-se e os ramos, esporta sua frondosidade, como um grande carvalho destinado a subir alto e a ficar em pé, na floresta das produções humanas. Quanto ao author, é sempre o discipulo do collegio d'Aix, tornado methodico e consciencioso, mas não aspirando, muitas vezes, senão o minuto em que poderá crusar os braços, depois de ter escripto a palavra—fim—em baixo do ultimo volume dos *Rougon Macquart*.

(Continúa)

Piparotes

Domingo ultimo houve o spectaculo da digna Alvaro de Carvalho, que esteve na altura dos seus meritos e ovacções; realisou-se tambem a conferencia annunciada, havendo um poucochito de friesa da parte do publico e...e...caceteamento da parte do orador...

Ora seu homem...

Appareceu mais uma verbasinha para o atterro da praia do Menino Deus.

Vamos a ver isso.

Queira o mesmo Menino Deus que a praia não fique a vêr atterro por...telegramma...

Quem sabe, seu da Presidencia.

Sentido com isso.

E conte comoseo para o que resultar d'ahi: Já sabe muito bem que cá o Trac, como seu amigo dedicado e fiel, tem direito em saber o menino como procede em relação á cobres e quejandos assumptos monetarios.

Bom será, pois, que o resultado disso, não dê em bolas, seu da Presidencia.

Bom será.

* A 12, houve no Club 12 de Agosto, o

grande baile de Anniversario ao qual o luxo e o bom gosto, a magnificencia, não faltaram.

As scintillações das luzes, das flores, dos espelhos, dos lustres e das serpentinas, davam um aspecto deslumbrante e ricamente faustoso, aos bellos salões do Club.

Desfillava por elles á fora um esplendido cortejo de moças, com toilettes adoraveis, como um collar encantado de flores deliciosas.

Estava seductora e fina a sociedade que dava a tudo aquillo uns tons phantasticos e côr de rosa.

Achavam-se alguns representantes da Imprensa, menos o Moleque que teria de embalsamar-se primeiro, para não cheirar a cachaça ou a creoulo fôrro, a fim de melhor subir as escadarias pomposas do magestosissimo e fidalgo Club 12.

Porque o Moleque não tem rôlha na boeca diante da incivilidade, da indelicadesa baixa, da ridicula posição parva e apalhçada em que ficou, para com elle, a directoria do Club.

Uma vez que o Moleque não é um trapo sujo do monturo, um caracter enludado com syhilis moral por dentro, um pasquim ordinario e safado, um bebado de todas as esquinas ou um leproso de todas as lamas, havia obrigação, obrigação, ouca o Club 12, de ser o Moleque considerado como gente, uma vez que foi considerada a outra imprensa que não está em nada, em cousa nenhuma superior a este orgão.

Não é com brutalidade que se adquire sympathia.

Se não se destruiu convite para o Moleque porque o seu redactor chefe é um creoulo, é preciso saber-se que esse creoulo não é um imbecil que não o saiba e o diga bem alto, por sua honra, por seu orgulho, porque não se véxa de hombrar com ninguém deste mundo que saiba o que é cavalheirismo, educação e probidade.

E' um creoulo que tem muita presumpção em o ser e que não se curva, a despeito de tudo, senão ao talento, á bondade e ao caracter.

E d'ahi, o diamante sae do carvão.

A pérola vem do abysmo.

A aurora rompe da noite.

O dia surge da tréva.

A acção do Club portanto, fôit pessima, inqualificavel, indigna de gente que se présa de calçar uma luva e deitar uma gravata branca.

Indigna de uma sociedade; digna de badamécos sem criterio e juizo; digna de espioes de policia que présam a delicadeza pela melhor paga.

São assim as corporações da nossa terra.

Tolas e sem brio.

Felizmente o Moleque, agarra da pá com que cá em casa se enterra a civilidade fôfa e atira com ella no monturo do desprezo, arrumando-lhe ainda por cima uma pasada da cal da... piedade!...

Apodrece, cousa má...

Trac. *



Sahimos de casa receiosos que a Policia nos fran-
casiasse, remettendo-nos a C^a dos Aprendizizes Mati-
nheiros, onde



seriam capazes de pôr-nos uma fan-
da ao lombo, quer ella nos assentasse, ou
er não.



Ao passar-mos, porem, pela praia do M^o Deos,
encontramos a D. Typhoide a passeio,



o que nos fez dispartar, por lembrar nos
do seu advogado gratuito.